

PARA O IRÃ, ARMAS NUCLEARES PODEM ESPERAR

Por Hilal Khashan*, do [Geopolitical Futures](#)



Bandeira iraniana retratada perto de um sistema de mísseis durante um exercício militar em outubro do ano passado (Foto: WANA via Reuters).

Com uma população se afastando cada vez mais da religião e tendendo a preferir um governo secular, o regime dos aiatolás do Irã estaria mais inclinado a priorizar a recuperação da economia, gravemente afetada pelas sanções e pela pandemia do Covid-19, do que a obtenção de armas nucleares.

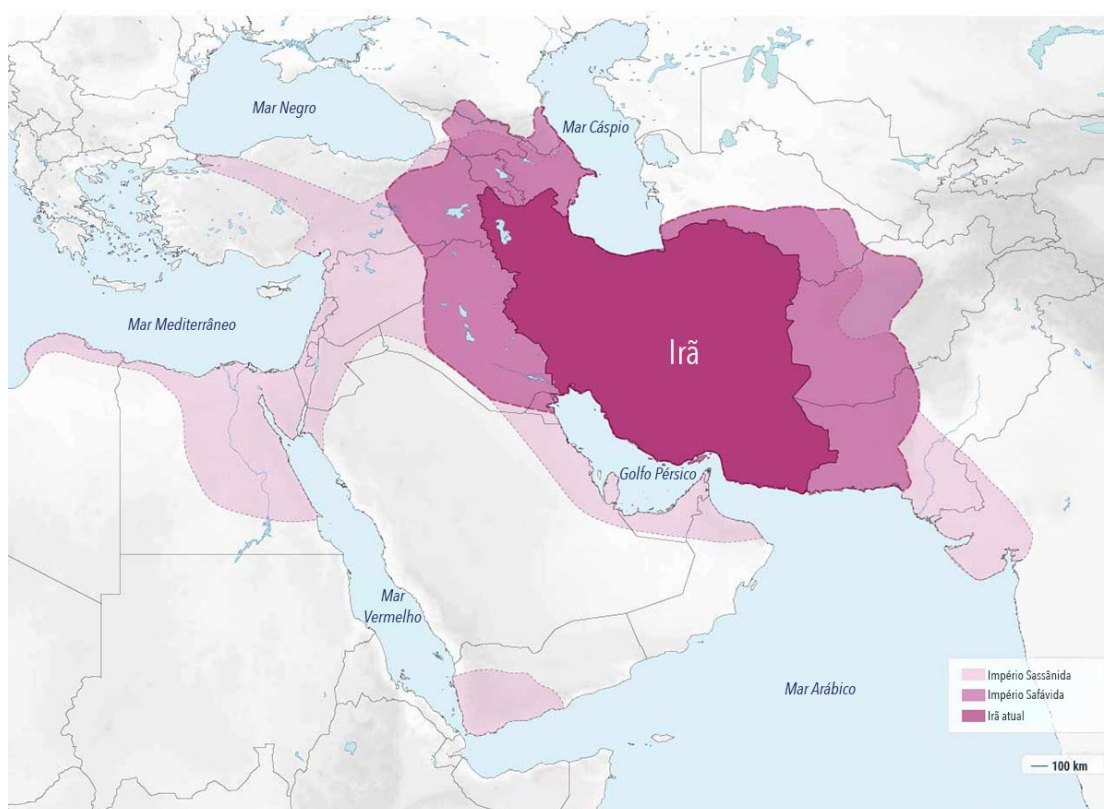
Os últimos dois anos foram os mais difíceis para o Irã desde sua revolução de 1979. A maioria dos iranianos foi afetada negativamente pelas sanções ocidentais, bem como pela pandemia em curso. Pelo menos um terço da população vive em extrema pobreza. A desnutrição é galopante, especialmente entre as crianças nas áreas rurais. A carne está se tornando cada vez mais escassa e o preço de alimentos básicos como arroz, grãos e legumes está disparando, com o índice de preços ao consumidor de alimentos aumentando 67% em janeiro em comparação com o ano anterior. Mais de 1,2 milhão de iranianos perderam seus empregos por causa do Covid-19, as taxas de divórcio aumentaram 7% e o número de pessoas tratadas em centros de reabilitação saltou de 417.000 para 663.000.

Por causa dos crescentes problemas econômicos e sociais do Irã, a mera perspectiva de reviver o Plano de Ação Global Conjunto (JCPOA, *Joint Comprehensive Plan of Action*) de 2015, após a eleição do presidente dos EUA Joe Biden no ano passado, é uma dádiva de Deus para o Irã. Embora a aquisição de armas nucleares continue sendo um objetivo estratégico para o Irã, o país não tem pressa em alcançá-lo, visto que isso pode comprometer sua capacidade de ressuscitar sua economia, consolidar sua influência regional e construir seu

poderio militar convencional. No imediato, seus principais objetivos são resgatar o regime, melhorar a qualidade de vida e relançar a economia, mantendo e acelerando seus ganhos regionais. As armas nucleares podem esperar.

O QUE O IRÃ REALMENTE DESEJA

Nos últimos seis séculos, o Irã sofreu derrotas militares, perdas territoriais, manipulação de poder estrangeiro e, no século XX, ocupação por tropas britânicas e soviéticas. Também, no entanto, tem uma longa história de expansão territorial e impulso imperial. O Império Sassânida (224-651) conquistou o Cáucaso, todo o litoral da Península Arábica, Egito e Ásia Menor, e até chegou à porta da Índia. No século XVI, os safávidas construíram um império que incluía o Cáucaso, embora eles gradualmente tenham perdido território para a Rússia czarista, e seus sucessores Qajar perderam o território remanescente. Os clérigos revolucionários lamentaram dismantlar o programa nuclear do Irã e seu formidável exército e força aérea, que o xá havia construído com o apoio dos EUA, argumentando que o Iraque não teria atacado o Irã em 1980 se eles tivessem permanecido intactos.



Impérios Sassânida e Safávida (©2021 Geopolitical Futures / Fontes: Britannica, Wikipedia Commons).

O Irã agora quer se tornar uma hegemonia regional mais uma vez. Seus líderes veem o Irã com o direito de se tornar líder do Oriente Médio, ou pelo menos par a par com Israel, que atualmente é a única potência real da região. Seu desafio, no entanto, é que Israel resiste que qualquer nação chegue ao seu nível e, portanto, tem se manifestado ativamente contra o expansionismo iraniano. Mas os iranianos estão jogando um jogo longo e vão esperar a hora certa. Como os israelenses

entendem melhor do que a maioria, há muito mais nas ambições iranianas do que armas nucleares.

A QUESTÃO NUCLEAR EM PERSPECTIVA

Todos os governos dos EUA desde a Revolução Iraniana têm se empenhado em evitar um confronto militar direto com o Irã. Como o ex-presidente Donald Trump, Biden vê as questões divisórias com Teerã – seus programas nucleares e de mísseis e a crescente influência regional – como parte do mesmo pacote. A única diferença entre os dois é que Biden é mais flexível, acreditando que não há necessidade de enfraquecer um Irã já emaciado.

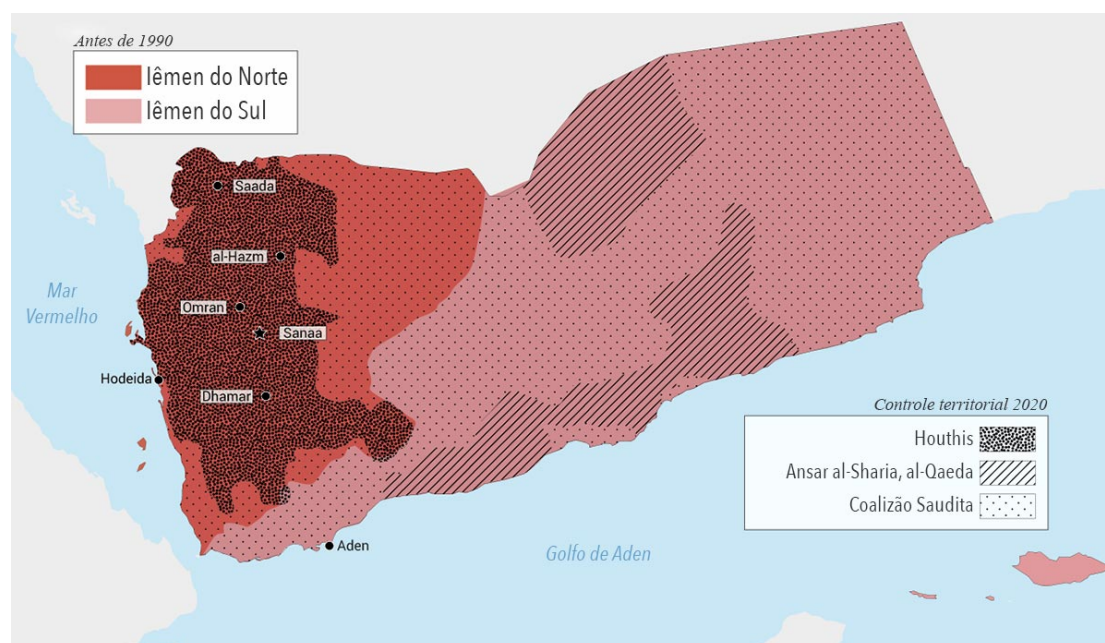
Biden está empenhado em resolver o impasse sobre o programa nuclear do Irã por meio da diplomacia e está focado em chegar a um acordo melhor do que o JCPOA, que na realidade teria apenas atrasado a obtenção de armas nucleares por Teerã. O governo Biden sabe que o programa de mísseis balísticos do Irã e a política regional são inegociáveis e acredita que a intromissão regional de Teerã está além do escopo das negociações nucleares, por mais importante que seja para a estabilidade do Oriente Médio. Trump, por outro lado, optou por aplicar uma campanha de pressão máxima, na esperança de forçar o Irã a assinar um novo acordo mais rigoroso que retardaria ainda mais o programa nuclear iraniano, ao mesmo tempo que reduzia seu programa de mísseis balísticos e restringia seu aventureirismo regional.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, também se opõe a simplesmente renegociar o acordo nuclear. Mas as ameaças de Israel de ação militar são mais posturas que avisos de conflito iminente. Percebendo que Biden não pode ignorar as preocupações de Israel, o país está tentando garantir mais concessões do Irã, expressando sua oposição às negociações nucleares. As autoridades iranianas também são adeptas da política de *brinkmanship*. Como esperado, eles chegaram a um acordo temporário de última hora com a Agência Internacional de Energia Atômica para garantir que as instalações nucleares do Irã ainda sejam monitoradas, mesmo depois de suspender o cumprimento do protocolo voluntário do JCPOA. Em dezembro passado, o parlamento do Irã aprovou um projeto de lei para interromper a cooperação com a agência e aumentar o enriquecimento de urânio para 20%. O ministro das Relações Exteriores, Mohammad Javad Zarif, disse que o governo respeitou a decisão do parlamento, mas continuaria a cooperação com a agência atômica, acrescentando que a decisão do parlamento é reversível se os EUA cooperarem.

Para o Irã, obter armas nucleares não é um objetivo imediato. A disputa sobre seu programa nuclear está em andamento há mais de 15 anos, e ainda não fabricou nenhuma arma nuclear. Na verdade, o levantamento das sanções tem precedência sobre todo o resto – até mesmo a obtenção de armas nucleares – porque os mulás governantes querem modernizar a economia e atender às necessidades básicas da inquieta população do Irã.

Há uma preocupação real, no entanto, de que o levantamento das sanções permitiria ao Irã consolidar sua presença regional e enfraquecer ainda mais a

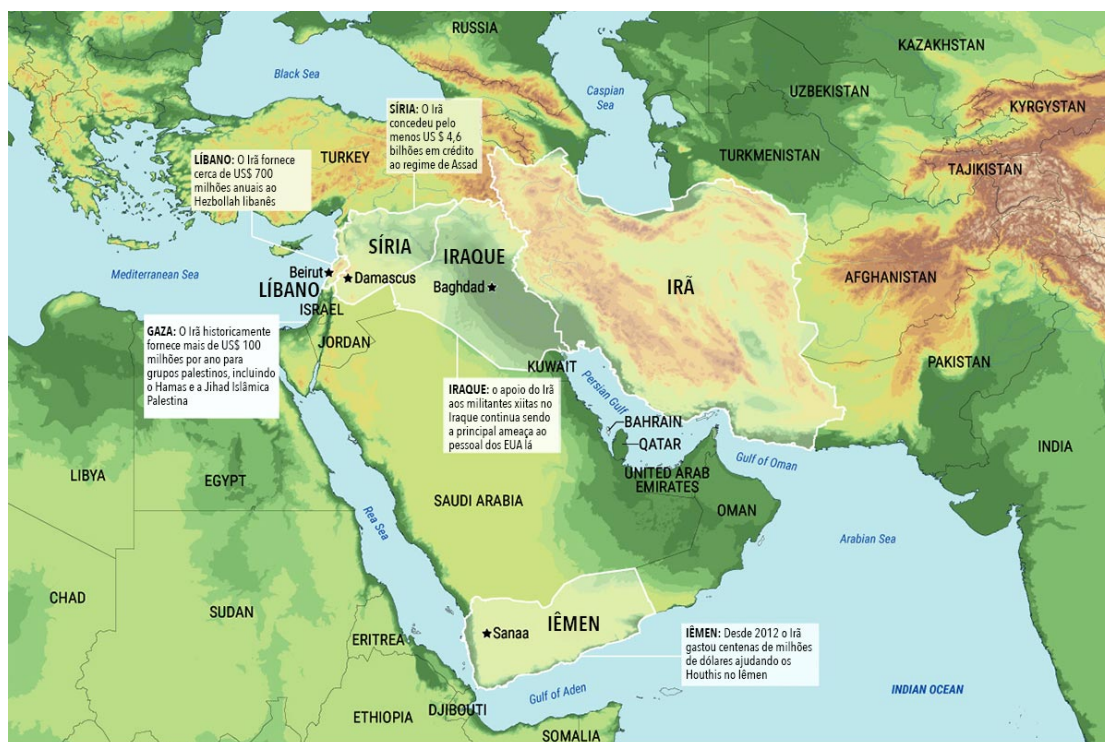
combalida Arábia Saudita, que foi atingida por vários ataques de drones de grupos ligados ao Irã, como os Houthis no Iêmen. Os Houthis estão lançando a batalha final na província de Marib, rica em petróleo, do Iêmen, o último bastião de controle do presidente Abed Rabbo Mansour Hadi. Se sua ofensiva tiver sucesso, o Iêmen tal como conhecemos não existiria mais. Os Emirados Árabes Unidos já controlam o sul, os Houthis fortaleceriam seu domínio no norte e a Arábia Saudita emergiria como o maior perdedor.



Controle territorial no Iêmen (©2020 Geopolitical Futures / Fonte: Liveuamap).

Mas Washington está gradualmente perdendo o interesse na Arábia Saudita como um país de interesse nacional vital. O ex-presidente Barack Obama certa vez chamou a Arábia Saudita de caronista, sem nomeá-la diretamente, e Trump, durante sua campanha eleitoral de 2016, disse: “Se a Arábia Saudita não tivesse o manto da proteção americana, não acho que estaria por aí.” Por sua vez, Biden disse que os EUA suspenderão os embarques de armas para a Arábia Saudita e encerrarão o apoio à guerra no Iêmen. Ele também retirou as cartas de Trump à ONU que levaram ao restabelecimento das sanções ao Irã e expressou sua vontade de trabalhar com os europeus para chegar a um novo acordo nuclear. A política de Biden para o Oriente Médio busca reduzir as tensões regionais, lidar separadamente com várias questões explosivas e introduzir um elaborado sistema de equilíbrios que não exclui o Irã. Independentemente de quem governa o Irã, o país é essencial para a política de equilíbrio de poder de Washington.

Na verdade, é tarde demais para acabar com a intromissão do Irã nos assuntos de seus vizinhos de qualquer maneira. No Iraque, o governo diz que as Forças de Mobilização Popular pró-Irã se reportam ao Ministério do Interior. Eles recebem seu orçamento do governo central em Bagdá – que totalizou US\$ 1,6 bilhão em 2020. No Líbano, o Hezbollah faz parte do sistema político e dirige o Líbano junto com seu aliado cristão maronita, o Movimento Patriótico Livre. No Iêmen, os Houthis foram removidos da lista de grupos terroristas dos EUA.



Esfera de influência do Irã (©2021 Geopolitical Futures / Fonte: Departamento de Estado dos EUA).

O Irã resistirá a qualquer tentativa de isolá-lo de seus representantes regionais, sem cujo apoio não pode realizar suas ambições regionais. Os aliados árabes xiitas de Teerã são mais cruciais do que seu programa nuclear para expandir sua esfera de influência. O Irã ainda é militarmente fraco e precisa de aliados que possam lutar em seu nome. Quanto mais o Irã organiza exercícios militares e anuncia inovações de defesa revolucionárias, mais ele revela sua incapacidade e falta de vontade de se envolver em uma guerra geral. Como tem feito desde a revolução, prefere lutar por procuradores, sejam eles no Líbano, no Iêmen, na Síria ou no Iraque.

MUDANÇA DOMÉSTICA INEVITÁVEL

Apesar da fachada de coesão, determinação de estado e preparação militar, o Irã está mais vulnerável do que nunca. Corrupção burocrática endêmica, planejamento econômico medíocre, sanções austeras e a pandemia quase paralisaram o país e expuseram sua fraqueza. Os reformistas do Irã acusam conservadores detentores de poder de se beneficiarem das sanções por meio de sua economia paralela, cujos lucros eles afirmam girar em torno de US\$ 25 bilhões anualmente. Os governantes conservadores do Irã provavelmente enfrentam mais problemas em casa do que no exterior, com muitos iranianos frustrados com a falta de ação e preferindo um sistema político secular e democrático para substituir o sistema Wilayat al-Faqih. Alguns intelectuais, acadêmicos, ativistas políticos e ex-funcionários iranianos até expressaram esperança de que Trump ganhe um segundo mandato para aumentar a pressão sobre o regime.

Nos últimos 50 anos, a sociedade iraniana mudou significativamente. Embora 90% de sua população seja xiita, de acordo com anuários estatísticos, apenas 32%

se descrevem como xiitas. Muitos outros não professam nenhuma afiliação religiosa ou se consideram agnósticos, ateus ou zoroastristas. O regime não enfrenta uma ameaça existencial e pode contar com seus amplos poderes coercitivos para reprimir protestos. O dilema do aiatolá e do regime é que eles estão governando uma população que não apenas se ressentida de sua ideologia religiosa, mas está continuamente se afastando dela.

**Hilal Khashan, respeitado autor e analista de assuntos do Oriente Médio, é professor de ciência política na American University of Beirut. Escreveu seis livros, incluindo "Hizbullah: A Mission to Nowhere". É autor também de mais de 100 artigos que apareceram em publicações como Orbis, The Journal of Conflict Resolution, The Brown Journal of World Affairs, Middle East Quarterly, Third World Quarterly, Israel Affairs, Journal of Religion and Society, Nationalism e Ethnic Politics e The British Journal of Middle Eastern Studies.*
